

**Convergências e Divergências:
O Ensino nos Colégios Jesuítas de Goa e Cochim
durante os séculos XVI-XVIII**

Maria de Deus Beites Manso
Universidade de Évora. NEHM/CIDEHUS. CEPESA

Introdução

Tal como foi controversa a criação da Companhia de Jesus, também o são alguns dos estudos a seu respeito. Foram muitos aqueles que “olharam” para a sua acção ao longo dos tempos, tornando-a numa das temáticas mais estudadas no panorama da historiografia nacional. Durante muito tempo, a grande maioria dos estudiosos, ou evidenciava uma tendência apologética, ou emitia juízos desfavoráveis a seu respeito. Por isso, há que perscrutar um novo caminho, *desbravar* os múltiplos percursos que a Ordem seguiu, não só do ponto de vista espiritual e do ensino, mas também analisar comparativamente as metodologias missionárias, dentro e fora da Europa. Assim, evitar-se-ão muitas das generalizações, confusões, para não dizer erros, que só têm contribuído para a criação, quase sempre pela negativa, do *mito jesuíta*.¹ É necessário situar a Companhia de Jesus face às culturas europeia e não europeia para se poder redimensionar a influência que a mesma exerceu sobre as diferentes sociedades.

Última Ordem do período moderno, nascida numa Europa dilacerada pelo ódio, dividida na fé, participando na construção da modernidade europeia, mas ao mesmo tempo, paradoxalmente, católica, elemento essencial da igreja pós-tridentina: “como

¹ Aconselhamos a consulta do texto que mais contribuiu para a criação do mito jesuíta: José Eduardo Franco e Christine Vogel, *Monita Secreta. Instruções Secretas dos Jesuítas. História de um Manual Conspiracionista*, Lisboa, Roma Editora, 2002.

impulsora de un proyecto político-religioso cuidadosamente estructurado, de inspiración inconfundiblemente moderna; un proyecto sumamente ambicioso que pretende efectivamente *aggiornare* la vida de la comunidad universal, ponerla en armonía con los tiempos, mediante una reconstrucción y reconstitución del mundo, entendido como orden católico, apostólico y romano”.² Assim, a missão tornou-se na “obra santa por excelência”, mas para que pudesse ser eficaz, “deveria processar-se segundo regras precisas”. Por isso, foi revelada uma estratégia “que exigia do missionário um apostolado conduzido com discernimento e sentido político”, tanto na Europa como fora dela. Nada era deixado ao acaso, os missionários eram seleccionados de acordo com os lugares definidos e preparados com o maior cuidado: “Assim, a missão moderna, no seu espírito, objectivo e métodos, estava já perfeitamente elaborada e posta em prática ainda antes do Concílio de Trento. Tratava-se então de a espalhar pelo mundo e adaptá-la às circunstâncias. (...) As missões remodeladas e adaptadas às circunstâncias foram esse instrumento de mudança”.³

De facto, devemos falar de mudança/renovação no processo missionário levado a cabo pelos Jesuítas, sobretudo no que concerne à Índia, dado que apenas continuaram ou desenvolveram um percurso já iniciado pelos Franciscanos, cujo objectivo espiritual tinha sido, em especial, assistir espiritualmente os portugueses, pois a sua acção orientou-se quase sempre junto à presença portuguesa, como foi o caso de Goa e da

² Bolívar Echeverría, “La Compañía de Jesús y la primera modernidad de América Latina”, *Barrocos y Modernos. Nuevos caminos en la investigación del Barroco iberoamericano*, ed. Petra Schumm, Frankfurt am Main: Vervuert; Madrid: Iberoamericana, 1998, p.57.

³ Louis Châtellier, *A Religião dos Pobres, as fontes do cristianismo moderno, séc. XVI-XIX*, Lisboa, Ed. Estampa, 1994, pp. 23-24 e 27.

Foram muitos os jovens que entraram na Ordem e foram muitos aqueles que manifestaram desejo em partir para o espaço ultramarino, mas nem todos obtiveram autorização para embarcar. Atendendo ao rigor da viagem e do clima de muitas das regiões, quais terão sido os motivos que levaram estes homens a aderir à Companhia e a manifestarem grande vontade em sair da Europa? Aconselhamos as seguintes leituras: J. O'Malley, *The First Jesuits in India*, Cambridge, Harvard University Press, 1993; Marina Massimi, *Um incêndio desejo das Índias...*, S. Paulo, Ed. Loyola, 2002.

Costa da Pescaria.⁴ Os Inacianos, com o intuito de aumentar o número de cristãos, e devido ao espírito universalista que a Igreja cristã sempre defendeu, dirigiram também a sua acção às populações locais. Apesar da presença europeia na Ásia remontar a alguns séculos atrás, a cultura destes povos permanecia praticamente desconhecida, uma vez que a Ásia foi para a cultura cristã ocidental medieval o mundo do mito, embora se mantivessem relações transcontinentais e oceânicas⁵ e embora o conhecimento geográfico se tivesse alargado no século XV, a ilusão, e as fábulas a seu respeito, continuavam.⁶ Muito do desconhecimento não resultava apenas do “não visto”, mas essencialmente do incompreendido, resultante da diferença destas culturas face aos valores ocidentais/cristãos. As descrições que chegam à Europa têm quase sempre como padrão a visão do invasor, daí que muita da acção e metodologia missionária dos jesuítas seja pioneira em alguns espaços.

D. João III viu na recém-criada Companhia de Jesus o remédio para uma sociedade em processo de mudança: “ Mesclando conservadorismo e humanismo, a Ordem tornou-se um dos meios pelos quais a Igreja actuou de forma marcante nos séculos seguintes”.⁷ Não sendo português o seu fundador, foi em Portugal e nas suas colónias que a Ordem mais floresceu, devido ao apoio régio. Atendendo à emergência missionária, D. João III seguiu o conselho de Diogo de Gouveia (1471-1557), que considerava os jesuítas “ *os mais autos pera converter toda a Índia*”⁸

⁴ O assunto foi analisado, por mim, em: Maria de Deus Beites Manso, *A Companhia de Jesus na Índia: 1542-1622. Aspectos da sua Acção Missionária e Cultural*, vol. I., texto policopiado, Évora, 1999.

⁵ Vitorino Magalhães Godinho, *Mito e Mercadoria, Utopia de Navegar. Séculos XIII-XVIII*, Lisboa, Difel, 1990, pp. 276.

⁶ Idem, *Ibidem*, pp. 288. Sobre a descrição das civilizações contactadas pela Europa nos séc. XV e XVI, consultar: Idem, *Ibidem*, pp. 114-135; Geneviève Bouchon, “A imagem da Índia na Europa renascentista”, *Oceanos: Olhares cruzados*, nº 32, Lisboa, CNCDP, 1997, p. 11-30.

⁷ Paulo de Assunção, *A terra dos brasis: a natureza da América portuguesa vista pelos primeiros jesuítas (1549-1596)*, S. Paulo, Annablume, 2000.

⁸ Idem, *Ibidem*, pp. 62. Evidentemente, que a sua acção não se cingiu à Índia, ela estendeu-se a todo espaço ultramarino. Entre outras obras, aconselhamos as seguintes leituras: Paulo de Assunção, *op. cit.*; Michael Cooper, S. J., *Rodrigues o Intérprete. Um Jesuíta Português no Japão e na China do Século XVI*, Lisboa, Quetzal Editores, 2003; Horácio Peixoto de Araújo, *Os Jesuítas no Império da China. O Primeiro Século (1582-1680)*, Macau, Instituto Português do Oriente, 2002, Maria de Deus Beites Manso, *op. cit.*

O Ensino em Goa: O Colégio de S. Paulo

Com a intenção de renovar as missões, chega a Goa, em 1542, Francisco Xavier. Este foi o primeiro jesuíta que aplicou as estratégias missionárias definidas por Inácio de Loyola. Os relatórios que ele enviou a Roma “serviam como instrução para todos aqueles que partiam em missão. Inácio e os seus primeiros companheiros, que permaneceram em Itália, também as seguiram”.⁹ De facto, atendendo ao vasto campo de acção resultante das descobertas ibéricas, nada poderia ser deixado ao acaso; a sua obra dependia da adaptação aos espaços e às circunstâncias; só assim se transformariam num instrumento de mudança.

Espalhados por todo o Oriente, possuíam os jesuítas na Índia, dentro do regime interno da Ordem, a Província do Norte, Goa, e a do Sul, Malabar.¹⁰ Para além da

⁹ Louis Châtellier, *op.cit.*, pp.25. Sobre o assunto ler : João Pedro Ferro, “ A Epistemologia no quotidiano dos missionários jesuítas nos séculos XVI e XVII”, *Lusitânia Sacra*, 2ª Série, Tomo V, 1993, pp. 137-158.

Segundo I. Iparraguire, S.I, os jesuítas iniciaram o “método de inspecção e de socorro urgente”, que tinha a pretensão de preparar os missionários para as situações que iriam encontrar : “Los Ejercicios Espirituales Ignacianos”, *Studia Missionária*, vol. IV, Romae, Apud Aedes, Pontifical Gregoriana, 1950, p. 8.

¹⁰ **Província de Goa:** Seminário de Santa Fé de Goa (1542); Colégio de S. Paulo (1548); Colégio de Jesus de Baçaim (1548); Colégio de Santo Inácio de Rachol (1574); Seminário de Rachol (ano da fundação desconhecido); Colégio das Onze Mil Virgens de Damão (1581); Colégio da Madre de Deus de Taná (1599); Seminário de Taná (1551); Colégio do Espírito Santo de Diu (1601); Colégio de S. Pedro e S. Paulo de Chaul (1611); Colégio de Ascensão de Moçambique (1613); Colégio da Ascensão de Moçambique (1613); Colégio de Nª Sª do Nascimento de Agra (1630); Escola de Bandorá (1576).

Província do Malabar: Colégio da Madre de Deus de Cochim (1560); Seminário de Cochim (1560); Colégio de Malaca (1576); Seminário de S. Cruz de Vaipicota (1584); Colégio de Coulão (séc. XVI); Seminário de Coulão (séc. XVI); Colégio de Tuticorim (séc. XVI); Seminário de Tuticorim (séc. XVI); Colégio de Meliapor (séc. XVI); Seminário de Meliapor (séc. XVI); Colégio de Ternate (séc. XVII); Colégio de Cranganor (séc. XVII); Colégio de Colombo (séc. XVII); Colégio de Jafanapatão (séc. XVII); Colégio de Bengala (séc. XVII); Colégio de Negapatão (séc. XVII); Colégio de Ambalacata (1633); Seminário de Ambalacate (1663); Colégio do Topo (séc. XVII).

imensidão geográfica destas províncias, havia outras regiões da Ásia que não eram abrangidas por estas, e aí praticamente não circulavam europeus, como era o caso da China e do Japão. O assunto interessa ser referido, na medida em que nos pode ajudar a contextualizar e a compreender melhor a presença e metodologias missionárias. Não há dúvida que em todo este espaço a Companhia de Jesus esteve presente, mas a sua acção diversificou-se de acordo com a presença política e comercial europeia aí estabelecida. No caso da Índia preferiu os contactos com os “gentios”, dentro do espaço português, ou onde a actividade comercial tivesse algum significado, ou então instruir no Catolicismo as comunidades que já eram cristãs: Paravás e Cristãos de S. Tomé. Daí que não possamos falar de um único processo evangelizante ou cultural. É partindo desta base que as questões têm de ser colocadas, sem, no entanto, esquecermos a formação recebida na Ordem, porque o seu êxito ou fracasso dependeu quase sempre do contexto político e cultural em que a acção se desenrolou.

A primeira experiência que teve resultados de sucesso foi em Goa. Aqui, havia quase meio século que se tinha iniciado um processo de ocidentalização e cristianização das populações, incidindo, sobretudo, na destruição das culturas locais, tendo o natural de se submeter à jurisdição portuguesa¹¹: “Era a primeira cidade da Ásia integralmente sujeita à soberania portuguesa”¹². Em 1533 foi criada a diocese de Goa e foi erigida em arcebispado metropolitano em 1557, tornando-se, não só a capital política, mas também o centro económico, cultural e religioso da Índia Portuguesa,¹³ dando origem a uma série de instituições, não só para difundirem o Cristianismo, mas também para a

A informação foi recolhida em: Francisco Rodrigues, *A Companhia de Jesus em Portugal e nas Missões*, Porto, Edições do Apostolado de Imprensa, 1935.

¹¹ Teotónio R. de Souza, *Goa Medieval. A Cidade e o Interior no Século XVII*, Lisboa, Ed. Estampa, 1994, pp. 87, escreve: “Quando nos anos 40 do século XVI, adoptaram a política de conversão, os Portugueses destruíram quase trezentos templos hindus em cada uma das três talukas. Uma média de quatro a cinco templos em cada aldeia sugere que terá sido exercido sobre a vida rural um inimaginável controlo religioso”.

¹² Luís Filipe F. R. Thomaz, *De Ceuta a Timor*, Lisboa, Difel, 1994, pp. 248.

¹³ Idem, *Ibidem*, pp. 254.

formação do clero e para a difusão das letras e da cultura ocidental, como foi o caso da fundação de colégios e seminários. Alguns colégios eram mais centros de propagação missionária do que sedes de acção pedagógica. Muito deles ficavam-se pelo ensino das primeiras letras e “humanidades rudimentares”¹⁴.

A primeira instituição a ser criada foi a Confraria da Santa Fé (1540), obra de beneficência, favorecida com bens confiscados aos templos hindus; criou-se um seminário em 1542 (Seminário da Santa Fé de Goa), construído pelo Vigário Geral Miguel Vaz e o Padre Diogo Borba, tendo sido entregue aos Jesuítas no ano seguinte.¹⁵ A grande maioria dos alunos só sabia ler, rezar e escrever. Francisco Xavier aconselhou a introdução do ensino da Gramática, “alguma cousa de Sagrada Escritura ou de Matéria de Sacramento”¹⁶, e para se evitarem desentendimentos e ódios entre os alunos, apenas resolveram aceitar os nativos puros, excluindo portugueses e mestiços.¹⁷ A entrada dos alunos ocorria entre os treze e quinze anos de idade, por causa do conhecimento que já

¹⁴ Domingos Maurício, “Para a História da Filosofia Portuguesa no Ultramar. I: Índia”, *Revista Portuguesa de Filosofia*, Lisboa Janeiro - Março, Fac.1, 1945, pp.177.

¹⁵ Foi fundado por Miguel Vaz e Diogo Borba: “desde 1542 começaram os jesuítas a ter nele ingerência como professores e directores espirituais e, pouco depois, como reitores, mas só em 1548 foi totalmente confiado à Companhia”: Francisco Rodrigues, *A Companhia de Jesus em Portugal e nas Missões*, 2ªed., Porto, Ed. Apostolado da Imprensa, 1935, pp. 58. Joseph Wicki, *Documenta Indica, vol.I, (1540-1549)*, Roma, 1948.

¹⁶ Padre Niceno de Figueiredo, *Pelo Clero de Goa. Duas Lendas: O Cisma de Goa e Ignorância do Clero Goês*, Bastorá, Tip. Rangel, 1939, pp. 312. Uma carta datada de Goa, 1542, publicada por Joseph Wicki, *Documenta Indica, vol.I*, pp.121, diz aí serem ensinadas: gramática, artes, lógica, filosofia e teologia. Recomenda que os alunos sejam ensinados pelos livros e doutores mais apropriados à religião. Numa nota, Joseph Wicki, diz ser a *Rationis Studiorum*. Luís Filipe Thomaz, *op. cit.*, pp.254-255 também escreve que nesta altura se ministrava cátedras de Latim, de Filosofia, de Moral e de Dogmática e em 1545 D. João de Castro criou as escolas paroquiais, onde se ensinava português, doutrina cristã e música sacra. Domingos Maurício, *op. cit.*, não nos fornece estas informações, registou o que o Padre Niceno Fiegueiredo escreveu, e muitas destas matérias só aparecem integradas no currículo do Colégio de S. Paulo.

¹⁷ Joseph Wicki, *Documenta Indica, Vol. I*, pp. 142, carta do Padre Lancilote, de 1546. Salvo raras excepções, esta regra, manteve-se ao longo dos tempos. S. Francisco Xavier recomenda, o seguinte: “...habia dos razones por las que nom se podia reclutar de entre los nativos la Companhia de Jesús en la Índia: primeira, siendo la mayoria de ellos de carácter débil, nada se podria conseguir sin portugueses; y segunda, porque los portugueses de la Índia solo querian confesarse com Padres portugueses y nunca com indios e mestizos ...El padre Maestro Francisco estaba de acuerdo en lo referente a la fundacion de los colégios para portugueses y nativos. ” - Georg Schurhammer, S. J., *Francisco Xavier. Su vida y su tiempo*, T.III: Índia: 1547-1599, Gobierno de Navarra, Compañía de Jesús, Arzobispado de Pamplona, 1992, pp. 446.

tinham da língua. Estes, ordenados sacerdotes, pregariam o Evangelho nas suas próprias terras.

O principal colégio jesuíta na Índia foi fundado em 1548, Colégio de S. Paulo de Goa¹⁸, ao qual ficou anexo o Seminário da Santa Fé. Juntamente com o colégio da Madre de Deus de Macau foi um dos principais centros de cultura europeia em toda a Ásia. O colégio de S. Paulo considerava-se como uma Escola apostólica da Ordem e como Seminário de missões para a formação do clero indígena para os países situados a Este do Cabo da Boa Esperança.¹⁹ Era destinado a alunos de Filosofia e Teologia da Companhia e para todos aqueles que frequentavam outros colégios e manifestassem capacidades para estudos de Filosofia. Segundo a opinião do padre Simão Rodrigues, este colégio “debía transformar-se en un segundo Coimbra, en una universidad de la Orden para filosofía e teología”,²⁰ e aquí “Enseñarán por los libros y doctores más acreditados en su Orden”.²¹ A sua organização, quando comparada com os colégios na Europa, não tinha diferenças notáveis.²² Falavam-se entre oito a dez línguas distintas e, no início, quando os alunos não dominavam ainda o português, limitavam-se a repetir o que ouviam. Em 1548, o Padre Nicolau Lancilote dá-nos conta desta mesma situação e pede que os padres aprendam as línguas locais, para que possam dispensar os intérpretes.²³

¹⁸ Luís Filipe Thomaz, *De Ceuta a Timor*, pp. 255, indica o ano de 1557 como ano da construção do Colégio de S. Paulo, mas todas as outras fontes referem 1548.

¹⁹ Georg Schurhammer, S. J., *Francisco Xavier. Su vida y su tiempo*, T.III, pp.321.

¹⁹ Idem, *Ibidem*, pp. 322.

²⁰ Idem, *Ibidem*, pp., 445. Sobre o *Curso Conimbricense*, aconselhamos a seguinte leitura: Alfredo Dinis, “Tradição e transição do Curso Conimbricense”, *Revista Portuguesa de Filosofia. Filosofia em Portugal*, VI. *Comemorando 450 anos da Companhia de Jesus*, Braga, Outubro-Dezembro, T. XLVII, Fasc. 4, 1991.

²¹ Idem, *Ibidem*, pp. 322.

²² Para Adelino de Almeida Calado, no artigo: “Um Documento seiscentista da Companhia de Jesus na Índia”, *Brotéria*, Lisboa, vol. LXIII, nº1, 1957, pp. 13, escreve: “Nas Províncias do Oriente observavam-se programas idênticos, embora simplificados.” O autor não refere se esta comparação é relativa à Índia, eu assumo-a como tal.

²³ Georg Schurhammer, S. J. *Francisco Xavier. Su vida y su tiempo*, T.III, pp. 329 e 326.

No Colégio de Goa, os estudos dividiam-se em três classes de latinidade, um curso de Artes, três lições de Teologia especulativa e moral e uma de Escritura Sagrada²⁴, “continuando a tradição do humanismo com o método sólido e racional da “*Ratio Studiorum*”²⁵: “A *Ratio* chama a atenção dos jesuítas para a necessidade de respeitar as *Constituições*, quanto ao programa de estudos, o que implicava o seguimento de Aristóteles correctamente interpretado, a não ser nos casos pontuais em que fosse de todo impossível harmonizar as posições do Estagirita com a ortodoxia da fé católica²⁶. Para Domingos Maurício, a organização dos estudos secundários compreendia Música, Gramática, Retórica, Filosofia e Teologia. No colégio, destinado aos alunos jesuítas e também a seculares, ensinavam-se as primeiras letras, a escrever e a contar. A partir de 1556, as aulas do colégio tornaram-se públicas, com três classes de latinidade, um curso de Filosofia e uma cadeira de Moral. Acabado o curso de Artes, acrescentaram-se duas cadeiras de Teologia Especulativa.²⁷ Esta organização de estudos parece ter-se mantido até à saída dos Jesuítas, pois, no século XVII, Fernão Guerreiro refere que no Colégio de Goa se lê Latim, Artes, Teologia e casos de consciência e há também escola de meninos.²⁸ Luís Filipe Thomaz diz-nos que aqui também funcionou

²⁴ Francisco Rodrigues, *A Formação Intelectual do Jesuíta*, Porto, Livraria Magalhães e Moniz Ed., 1917, pp. 173. Francisco de Souza, *Oriente Conquistado*, conq. I, div. II, & 41, citado por Adelino de Almeida, “Um Documento seiscentista da Companhia de Jesus na Índia”, *op. cit.*, pp. 13: “juntamente com a virtude e bons costumes, ensinarem aos moços e estudantes, letras humanas e divinas, scilicet, Latim, Artes, Filosofia e Teologia moral e especulativa, e em muitas partes também os meninos a ler e escrever.”

²⁵ Francisco Rodrigues, *A Companhia de Jesus em Portugal e nas Missões*, pp. 7.

Aconselhamos a seguinte leitura: Miguel Maria Santos Corrêa Monteiro, *Os Jesuítas e o Ensino Médio. Contributo para uma análise da respectiva acção pedagógica*. Texto policopiado, Lisboa, 1991 e “*Ratio Studiorum* da Companhia de Jesus (1599-1999)”. *Revista Portuguesa de Filosofia*, Braga, Julho Setembro, T. LV, Fasc.3, 1999.

²⁶ Alfredo Dinis, “*Tradição e transição no Curso Conimbricense*”, *Revista Portuguesa de Filosofia*, Braga, Outubro-Dezembro, Tomo XLVII, Fasc. 4, 1991, pp. 538. O autor do texto, escreve que esta obrigação não constituiu obstáculo à liberdade de investigação dos jesuítas.

²⁷ Domingos Maurício, *op.cit.*, pp. 178-179. O Padre António Quadros foi o primeiro lente de Filosofia, um dos eminentes professores da universidade de Coimbra. O padre Niceno de Figueiredo, *Pelo Clero de Goa. Duas Lendas o Cisma de Goa e a Ignorância do Clero Goês*, Tip. Rangel, Bstora, 1939, pp. 313, citando Mariano Saldanha escreve também que os estudos jesuíticos só começaram em 1555, com a chegada do P. António Quadros e consistiam em gramática e casos de consciência.

²⁸ Citado por Domingos Maurício, *op. cit.*, p. 181.

Também um documento datado de 1666, escrito por Manuel Barreto, publicado e analisado por Adelino de Almeida Calado, *op. cit.*, diz-nos que nesta altura, o Colégio de S. Paulo “Tem escolas geraes com tres

durante algum tempo “ secularizada e tornada a *Aula de Medicina* em 1703, depois reforçada por uma *Aula de Cirurgia* em 1716, constituiu assim o embrião da *Escola Médico-Cirúrgica* instituída oficialmente em 1842”.²⁹

Do que acima escrevemos — texto e notas — nenhum dos investigadores menciona o ensino da Matemática, excepto ao referirem que nos dois colégios se ensinava a contar. Dada a ausência de informação sobre a matéria, passo a transcrever um texto de Ugo Baldini: “Em linha de princípio (...) toda a província missionária deveria de dispor de um *cursus studiorum* completo, com um triénio de filosofia incluindo um ensino anual de matemática e deveria formar automaticamente

mestres de Latim, hum de Philosophia, tres de Theologia. Tem mais escolas de ler, escrever e contar, com Religiosos por Mestre e dous ajudantes seculares assalariados”.

Joseph Wicki, *Documenta Indica*, vol. II, 1557, na introdução escreve que o Colégio tinha: Estudos Gerais: 2 classes de humanidades, lógica, teologia, especulativa e moral; Escola Elementar: ensino da leitura, escrita, contas e o ensino da doutrina cristã; no Ginásio já liam Cícero, Virgílio, Ovídio e Sédulo. Na Filosofia seguiam Aristóteles e na Teologia, S. Tomás. Para uma melhor eficácia do ensino utilizavam: discussões públicas, conclusões e representações públicas. Um documento também citado por Joseph Wicki, *Documenta Indica...*, vol. XVI, pp. 994, indica-nos o nome de professores associados às respectivas matérias: Professores de Teologia, Casos, Filosofia, Humanidades e Escola de Ler e Escrever.

Teotónio de Souza, *op. cit.*, pp.91. dá-nos mais algumas informações, mas lamenta a falta de fontes para o esclarecimento sobre a matéria: “ Não há muita informação que nos permita alargarmo-nos sobre o modo como era conduzido o ensino, ou sobre a natureza dos currículos. Mas nas escolas mais desenvolvidas, a cargo das ordens religiosas na Velha Goa, dos Jesuítas em Rachol, e dos Franciscanos em Reis Magos, o currículo incluía língua e literatura latina, conhecimentos religiosos artes liberais, incluindo música vocal e instrumental. Havia igualmente lições na língua vernácula, destinadas a formar catequistas, que depois regressavam às suas aldeias e auxiliavam os sacerdotes das suas paróquias na conversão dos outros aldeões. Na escola de S. Paulo, para rapazes, dirigida pelos jesuítas na cidade de Goa, prestava-se atenção especial à aritmética, porque essa era uma área muito apreciada pelos nativos de mente voltada para os negócios. Os relatos de Jesuítas da época dizem que não era raro encontrar adultos nas aulas de aritmética.”

Do que citámos sobre as matérias leccionadas no Colégio de S. Paulo, parece haver algumas diferenças nas matérias leccionadas e, sobretudo, quando elas foram introduzidas. Por isso, optei pela apresentação das diferentes citações e sou da mesma opinião de Teotónio de Souza que, infelizmente, as fontes não são muito esclarecedoras e algumas matérias não estão suficientemente tratadas.

Parece-me que na prática, o Colégio de S. Paulo era formado por duas instituições, uma para os que queriam ser padres, sendo obrigados a aprender o latim clássico, Filosofia e Teologia Moral, e a outra para os que queriam ser literatos e saber matemática (aparece assinalada como contar).

²⁹ Luís Filipe Thomaz, *op. cit.*, pp. 255. Adelino de Almeida, *op. cit.*, pp.13, sem referir qualquer colégio e época, generalizando todos os colégios jesuítas, mas dado o artigo se referir à Índia, penso que se refere aos colégios da Índia, diz-nos que aí não existiu medicina, portanto não partilha da informação de Luís Filipe Thomaz: “ Ficavam excluídas a Medicina e o Direito (Leis), que não interessavam à finalidade da pedagogia inaciana. Nas Províncias do Oriente observavam-se programas idênticos, embora simplificados”. De facto, os estudos que nós consultamos têm dificuldade em indicar uma data precisa para a inauguração do ensino da medicina em Goa até ao séc. XIX. Alberto Germano da Silva Corrêa, *História do ensino médico na Índia Portuguesa*, Nova Gova, Imprensa Nacional, 1917, escreve na pp. 3: “ Se 1534, pode ser considerado como um esboço de tentativa de inauguração da aprendizagem médico-cirúrgica em Goa, a data de 1691, representa uma tentativa a valer que infelizmente não se efectivou”.

especialistas em todos os sectores. Por conseguinte, também para a matemática se deveria desenvolver um automatismo reprodutivo, mas durante muito tempo isso não aconteceu. Só alguns colégios “máximos” das províncias asiáticas tiveram o “cursus” completo (só Goa e Macau com continuidade). (...) Algumas vezes, como nos colégios ibéricos, os professores de filosofia supriram a ausência da matemática inserindo um tratado da “esfera” no curso de filosofia natural, mas semelhantes tratados elementares não davam uma preparação técnica. Assim também no século XVIII as missões dependeram da Europa para o pessoal matemático e quase totalmente para professores de filosofia e teologia”.³⁰

O Ensino em Cochim: O Colégio de Cochim

A presença portuguesa no Malabar era diferente da de Goa, o que levou a um procedimento missionário distinto. Aqui, a acção lusa dependia da anuência dos reis locais; logo, o missionário europeu, ou tinha a sua acção cerceada, ou submetia-se aos interesses locais³¹. A outra realidade que a distinguiu de Goa, e que também embaraçava a missão, era a existência de comunidades cristãs e, a partir do meados do séc. XVII, a

³⁰ Ugo Baldini, “As Assistências ibéricas da Companhia de Jesus e a actividade científica nas missões asiáticas (1578-1640). Alguns aspectos culturais e institucionais”, *Revista Portuguesa de Filosofia*, Braga, Abril-Junho, Tomo LIV, Fasc. 2, 1998, pp. 205-206. Para maior esclarecimento sobre o assunto, aconselho a leitura do texto em questão. Ugo Baldini refere que os missionários jesuítas durante as viagens para a Índia estudavam várias disciplinas, como era o caso da matemática. Diz-nos também que as cartas trocadas entre as missões asiáticas e Roma contribuíram reciprocamente para a informação sobre a “ciência” em ambas as partes: o telescópio e as observações de Galileu no *Sidereus Nuntius* eram já conhecidos em Goa, em 1612, pp.220 -221. Também Cristóvão Bruno, em 1523, quando se encontrava em Goa, escreveu um pequeno tratado, que deu a conhecer a teoria da tenuidade dos céus a áreas tão distantes como a Pérsia, a Arábia e a Arménia: *De nova mundi Constitutione juxta systema Tichonis Brahe aliorum que recentiorum mathematicorum*.

³¹ Sobre o assunto aconselhamos a leitura dos seguintes trabalhos: Jorge Manuel Flores, *Os Portugueses e o Mar de Ceilão. Trato, Diplomacia e Guerra (1498-1543)*, Lisboa, Ed. Cosmos, 1988; Thomaz, Luís Filipe, *op. cit.*, pp.189-289; Maria de Deus Beites Manso, *op. cit.*, pp.34-76.

ameaça à presença portuguesa, seriamente abalada pelas pretensões holandesas. O Cristianismo na Índia, segundo a lenda, remonta ao tempo do apóstolo São Tomé — Cristãos de S. Tomé — cristãos de rito oriental e, mais tarde, prende-se com a conversão ao Cristianismo, entre 1521-1527, pelos Franciscanos, de milhares de Paravás (pescadores de pérolas, da Costa da Pescaria).³² No caso destes últimos, as razões da conversão não foram de natureza dogmática, mas política, pois, atendendo à grande instabilidade na região, provocada pelos interesses portugueses e muçulmanos, estes aceitaram converter-se em troca de protecção do rei português.

Na província do Malabar havia, em Cranganor, desde 1540, um seminário franciscano, fundado por Fr. Vicente de Lagos, destinado aos filhos dos cristãos de S. Tomé, com aulas de latim, teologia e cantochão, com o objectivo de latinizar esta cristandade. Mas o principal centro de cultura foi o Colégio de Cochim, fundado em 1560, pelos jesuítas, com um seminário anexo. Quando em 1605 foi constituída a província do Malabar, tornou-se o principal colégio, terminando com a tomada de Cochim pelos holandeses, em Janeiro de 1663.³³

Atendendo às características da região, o Colégio de Cochim não atingiu o prestígio e nível de ensino do de Goa, embora todos eles pretendessem preparar e aumentar o número de cristãos católicos na região. Francisco Xavier, aquando da sua estada na região, tomou consciência de que as conversões só avançariam se houvesse

³² Referimos, apenas, a existência de grandes comunidades cristãs, isto não invalida que não tenha havido conversões individuais e convictas. Com a finalidade de latinizar os cristãos de S. Tomé foi fundado o Colégio de Cranganor: A. M. Mundadan; *History of Christianity in India, vol. I: From The Beginning Up To The Middle of The Sixteenth Century*, Bangalore, Church History Association of India, 1989, pp. 323. Aconselhamos a seguinte leitura: E. P. Anthony, *The History of Latin Catholics in Kerala*, Ernakulam, I. S. Press, 1992.

³³ Francisco Rodrigues, *A Companhia de Jesus em Portugal e nas missões*, pp.60.

um clero numeroso e preparado, capaz de instruir no Catolicismo os cristãos locais. É neste sentido que se fundou o Colégio de Cochim, tendo apenas ensino elementar³⁴.

Análise Heurística

Demos a conhecer algumas orientações da Companhia de Jesus e situámo-las no contexto da expansão portuguesa, mais precisamente na missão da Índia. A sua acção na Índia não pode ser limitada ao ensino ou aos currículos leccionados, mesmo que estes possam ter sofrido ligeiras alterações em relação ao que se ensinava nos colégios jesuítas, em Portugal. Em todo o espaço ultramarino a Companhia propunha-se catequizar, ocidentalizar, sendo os seminários e colégios meios para obter tais objectivos: “Por la experiencia que tengo de estas partes, veo claramente, padre mío único, que por los indios naturales de la tierra no se abre camino como por ellos se perpetúe nuestra Compañía”.³⁵ Para López-Gay, “la primera exigencia para una verdadera adaptación es la formación del clero indígena, regular o secular, protagonista que ha de configurar la Iglesia particular”.³⁶

A acção e importância como centros de cultura dos Colégios de Goa e Cochim, deveu-se, em parte, ao tipo de ocupação portuguesa. Enquanto em Goa a administração do espaço era portuguesa, portanto não havia qualquer oposição local à sua construção e

³⁴ O catálogo de 1594, publicado por Joseph wicki, *Documenta Indica*, vol. XVI: (1542-1594), pp.1000, diz aí haver dois professores de humanidade: primeira classe e segunda classe e aula de latim, tendo 9 alunos.

³⁵ J. López-Gay, “Vocaciones Indígenas”, *Diccionario Histórico de la Compañía de Jesús*, directores: Charles E. O’Neill, S.I, e Joaquín M. M^a Dominguez, S.I., vol. IV, Roma: Institutum Historicum, S.I., Madrid: Universidade Pontificia Comillas, 2001, pp.2750: Carta de S. Francisco Xavier, 12 de Janeiro de 1549.

³⁶ J. López-Gay, “Vocaciones Indígenas”, *Diccionario Histórico...*, vol. IV, pp.2705.

funcionamento, em Cochim as autoridades nativas tinham de aprovar a sua existência e a oposição à sua actividade era permanente, como já foi referido, quer por parte dos cristãos locais, quer devido à conflitualidade religiosa que aí se vivia, motivada pelos desentendimentos entre Jesuítas e Franciscanos. Estas situações impediam ou dificultavam o sucesso de muitas das estratégias missionárias. Também em Goa o apoio e protecção à Companhia foi mais significativo, não só em rendas régias, mas também, por exemplo, na obrigatoriedade de os Jesuítas educarem os órfãos. Assim, dentro deste ofício, foi uma vida dedicada à pregação, à catequização, ao ensino e à caridade, praticada na assistência aos doentes e aos presos. Visto o problema desta forma, nada inovaram; parece que continuam a tarefa da metrópole. Mas, que terão feito de novo ou que competências aí terão desenvolvido?

Quando falamos de Jesuítas na Ásia, associamos sempre determinados conceitos que se generalizam para toda a região, destacando-se a ciência e a adaptação. Mas, depois de analisadas as presenças missionárias, verifica-se, por vezes, a falta de rigor na sua aplicação. Como já dissemos, a sua obra e as suas diferentes metodologias são quase sempre o resultado do anseio em introduzirem os valores da cultura ocidental; por isso, não olharam a meios para atingir os fins.

Mesmo numa análise superficial, é importante sabermos quem eram os missionários que partiam para a Índia e porque partiam. Quando indagamos sobre a sua origem social, é quase uma tarefa impossível, pois as fontes raramente nos fornecem informações a esse respeito, excepto quando se trata de figuras mais eminentes da Ordem. Apesar de terem sido muitos os que para aqui partiram, atendendo à dimensão geográfica, o seu número era quase sempre insuficiente, daí que em alguns períodos a Ordem aceite pessoas menos preparadas e que apenas ingressaram para fugirem à

miséria do dia a dia — foi este o caso dos soldados na Índia.³⁷ Em relação aos que se encontravam na Europa, era grande o número dos que queriam partir para as missões, particularmente as do Oriente. Que motivos estarão na origem desta atitude? As respostas podem encontrar-se na proveniência social dos membros, no estilo e sentido missionário, ou em factores de natureza subjectiva: a disponibilidade missionária e o martírio. Das inúmeras cartas, escritas pelos jovens religiosos que queriam partir, aparece um pensamento: “*desejo das Índias*”, isto é, o anseio por serem missionários em terras desconhecidas e seguirem o exemplo de “grandes” missionários, como nos dá conta o Padre António Cabral, numa carta, escrita em Coimbra, em 1600: “Y porque a esto no me mueve mas que el deseo de seguir la cruz y oprobios de Christo y los ejemplos délos S. Francisco Xavier, Antonio Criminal, y Gonçalo de la Silveira”.³⁸

O que acima escrevemos é sobre os que já são jesuítas e querem partir, mas quem estava apto a entrar na Ordem? Alguns aspectos já foram abordados anteriormente, pois os nativos, os mestiços³⁹, só excepcionalmente entraram na Companhia e o mesmo se aplicava em relação aos cristãos novos. Para além deste impedimento e atendendo à nova imagem do sacerdote, que a Igreja queria transmitir, os jesuítas entendiam que a preparação/formação era fundamental. Entre outros documentos, destaco as instruções de Francisco Xavier ao P. Gaspar Barzeo recomendando-lhe que não recebam na Companhia “pessoas fracas”, pois a Ordem

³⁷ Maria de Deus Manso, *op. cit.*, pp. 89-90.

³⁸ Marina Massimi; *Um incendiado desejo das Índias...*, pp.101. Aconselhamos este estudo que nos apresenta as Litterae Indipetae, cartas escritas entre os sécs. XVI-XVII por jovens religiosos jesuítas, solicitando o envio para as missões.

³⁹ De facto, só excepcionalmente, aceitaram mestiços. Citamos o caso de Manuel Godinho de Erédia, malaio-português, nascido em 1558 (?)-1623, foi admitido na Companhia, com a indicação de Alexandro Valignano, em 1579, em Goa. Poucos anos depois saiu da Ordem e escreveu uma série de obras: *Suma de Árvores e Plantas da Índia Intra Ganges*, Ed. fr J. G. Rveraert, J. E. Mendes Ferrão e M. Cândida Liberato, Lisboa, CNPDP, 2001; *Lista das principais minas auríferas alcançadas pela curiosidade de Manuel Godinho de Herédia*, Cosmógrafo Indiano; *Tratado ophirico ordenado por Godinho de Eredia, matemático, dirigido a Dom Philipe, Rey de Espanha, Nosso Senhor*. Anno 1616.; *Planta de praças das conquistas de Portugal feytas por ordem de Ruy Lourenço de Távora, Vizo Rey da Índia*. Por Manuel Godinho de Eredia, Cosmographo, em 1610.

tinha necessidade de pessoas de ânimo. Por isso, “ Nunca ordeneis na Companhia pessoas sem sciencias e virtudes aprovadas de muitos annos, pois tanta necessidade tem disso os sacerdotes da Companhia, por razão de seus institutos e ministérios e tantos e tantos inconvenientes se tem visto de contrário”.⁴⁰ Atendendo à complexidade cultural e política da Índia, Alexandre Valignano recomenda, em 1582, um cuidado especial não só em relação aos sacerdotes, mas também em relação aos Provinciais: “ (...) no hay en toda la Compañía officio ninguno que requiera tantas partes juntas como el Provincial de la India, assi por la summa autoridad que tiene con los nuestros de casa y con los forasteros como por la diversidad de los negoceos muy graves y pesados que tienne entre manos, teniendo a cargo no solo la Compañía que está tan dispersa por tantos reynos e provincias de diversas lenguas y custumbres, mas también tienne a su cargo toda la christandad y conversión que hay en los dichos reynos y provincias, y también por estar tan lexos de Roma, que de la yndia, que es más cerca, non se puede escribir y tener respuesta en menos de un año y medio, y de otras partes entre tres, quatro y cinco años (...).”⁴¹ Em 1545 o Padre Nicolau Lancilote pede que sejam enviados para a Índia homens letrados e pregadores competentes e não apenas clérigos⁴². Apesar das diligências neste sentido, nem sempre as condições eram exigidas e muitas das vezes o ministério, quer do ensino quer da catequização, era descuidado. A este respeito, lembro as inúmeras críticas feitas pelos Jesuítas, nomeadamente no descuido da aprendizagem das línguas e na assistência espiritual ao convertido — ainda que muita desta informação seja retirada de documentos produzidos pelos próprios membros da companhia. Os elementos que vou indicar são relativos aos membros da Ordem que

⁴⁰ Silva Rego, *Documentação para a História das Missões do Padroado Português do Oriente (Índia)*, vol. IV, Lisboa, pp. 156. Eduardo Javier Alonso Romo, *Los Escritos Portugueses de San Francisco Javier*, Universidade do Minho, Centro de Estudos Humanísticos, 2000, pp. 556.

⁴¹ J. Wicki, *Documenta Indica...*, vol. XVII, 1988, pp.137.

⁴² Silva Rego, *Documentação...*, vol. XV, pp.143. Nesta colectânea encontramos muitos documentos, cujas capacidades intelectuais e morais entram na selecção dos candidatos. Com isto, não anulamos as qualidades de bons pregadores, confessores, teólogos, etc.

estão nas casas jesuítas da Índia, em 1594. Os dados fornecidos, pelo menos até 1594, não favorecem muito a preparação e desempenho levado a cabo pelos irmãos e padres da Companhia. São muitos os assinalados como homens de medíocres letras e coléricos. No caso dos pertencentes ao Colégio de S. Paulo de Goa, quando comparados com a Casa Professa, aparecem melhor “qualificados”. Em relação ao Colégio de Cochim, as letras praticamente não são avaliadas, mas o termo medíocre serve para adjectivar muitos dos comportamentos⁴³.

No entanto, havia alguns predicados a respeitar: saudáveis, bem preparados como sacerdotes, sabendo utilizar estratégias que lhes permitissem concretizar os objectivos missionários e terem conhecimento das línguas locais. Em relação à nacionalidade dos Jesuítas enviados para a Índia, o maior número é de origem portuguesa, seguido de italianos e só depois de espanhóis. Situação que se mantém, mesmo durante o período filipino, alterando-se apenas no séc. XVII, com a influência da Holanda e França, na região do Malabar.⁴⁴

Esta missão, quando comparada com as metodologias levadas a cabo na China e no Japão, parece menos merecedora de atributos, levando quase sempre a comparações entre estas missões e a aplicação do trabalho levado a cabo na China, como o caso da matemática e da astronomia⁴⁵. Sobre a China não falaremos, pois são muitos os que já abordaram a questão. Mas atrevo-me a escrever que o fenómeno em nada se assemelhou nestes dois espaços, pois os contextos em que as missões se desenvolveram foram diferentes. O que em nada invalida o desempenho cultural e missionário desenvolvido. No entanto, o papel dos jesuítas “no início da ciência moderna (...) tem estado desde o início marcado por ambiguidades, contradições e, sobretudo, muito desconhecimento

⁴³ Joseph Wicki, *Documenta Indica*, vol. XVI, pp. 927-953.

⁴⁴ Maria de Deus Manso, *op. cit.*, pp. 208-209.

daquilo que realmente se passou nos séculos XVI, XVII e XVIII”.⁴⁶ Celina Lértora Mendoza, num estudo sobre as fontes académicas coloniais, escreve: “ Es necesario establecer algunas precisiones sobre el concepto y alcance de “ciência” (...) La llamada “ciência moderna” abarca un largo período que va de mediados del. S. XVI a fines del XIX.” Portanto, há que distinguir diferentes etapas e diferentes ramos científicos. De seguida a historiadora coloca algumas questões; entre elas, destacamos: “El comportamiento fue homogéneo o vario según las épocas y/ o los centros? Puede hablarse de una “doctrina oficial jesuita”, contrapuesta o al menos distinta a otra “doctrina tolerada”? Hubo libertad de pensamiento y de cátedra dentro de la Orden, o tal libertad, que sin duda se detecta en al menos algunos documentos, sólo existió hacia fuera?”⁴⁷ Embora Celina Lértora Mendoza trate a questão da ciência para os colégios jesuítas da América Espanhola, sou de opinião que as conclusões a que a investigadora chegou estão muito próximas do que se passou nos colégios em estudo, apesar dos contextos diferentes. Passamos a citar: “De lo dicho se infiere que la Compañía americana no parece haber prestado adhesión a las nuevas teorías, en el marco de su enseñanza interna y oficial. En todos los casos relevados, cuando se mencionan, se hace negativa o dubitativamente, aunque no sean teorías dogmáticamente erróneas según el fuero eclesiástico (...). Lo que me interesa discutir es la relación entre la “doctrina oficial” de la Orden y las teorías “toleradas (y eventualmente proporcionadas, pero informalmente. (...) No es casual que estos cursos, cuya finalidad principal no es formar intelectuales liberales (filósofos o cientistas) sino miembros conspícuos de la Compañía,

⁴⁶ Alfredo Dinis, “Giovanni Battista Riccioli, critico de Galileu”, *Revista Portuguesa de Filosofia: Os Jesuítas e a Ciência (séc. XVI-XVIII). Assinalando o 4º Centenário do nascimento de Giovanni Battista Riccioli, S.J. (1598-1671)*, Braga, Abril-Junho, Tomo LIV, Fasc. 2, 1998, pp. 163.

Não é minha intenção desenvolver a questão dos jesuítas e a ciência, isto porque se trata de um assunto que, em meu entender, não teve significado nos Colégios de Goa e Cochim, isto quando queremos estabelecer um paralelo entre a Índia e a China, mas não encontrei documentação que me leve a concluir tal hipótese, mas se existir documentação inédita que venha fornecer novos elementos, nesse caso, teremos de refazer o que eu e outros já escreveram.

⁴⁷ Celina A. Lértora Mendoza, *Estado Actual de la Investigación Sobre Fuentes Académicas Coloniales de las Ciencias Físico Naturales*, artigo no prelo, pp.1 e 4.

dediquen tanto espacio y energías a las disputas que la Orden sostenía con las rivales en el terreno del pensamiento (que es también un reflejo de los otros terrenos, donde la conflictualidad era también patente y quizá más determinante). Esto, a mi parecer, explica que los cursos jesuitas sean altamente polémicos, pero intraescolásticos, y que reproduzcan situaciones académicas ya desusadas en otros centros. Esto tiene que ver – me parece – con la situación conflictiva real de la Compañía en relación con otras comunidades religiosas y es lo que – en mi criterio – explica por que donde no hubo conflictividad (el caso del Río de la Plata) las disputas intraescolásticas disminuyen notablemente, quedando abierta una puerta a otras noticias.”⁴⁸ De facto, a Companhia permitiu que alguns dos seus membros desenvolvessem ideias novas, como forma de se adaptarem ao espaço, mas não foi a maioria dos membros que o fez; de uma forma geral, o ensino nestes colégios foi o seguido na Europa (Colégio de Coimbra).

A par do ensino aplicado nestes colégios, houve um conjunto de actividades que superou as orientações emanadas pelos superiores, mas que serviam os fins da Ordem: instruir e missionar são a intervenção individual do missionário nas disputas públicas e particulares, assim como o entusiasmo por conhecer as crenças religiosas e suas origens. Esta preocupação aparece desde os começos do período missionário. Francisco Xavier, enquanto esperava embarcar para a Índia, perguntou a Inácio de Loyola sobre o modo de lidar com os “infiéis”; e, aquando da sua estada na Índia, teve contactos com os líderes religiosos locais. Nesta altura fez sobre as suas vidas e ciência observações pouco lisonjeiras, considerando os Brâmanes como o grande obstáculo da conversão.⁴⁹

Depois de 1558, os Jesuítas de Goa tiveram conhecimento da literatura mística dos maratas e, com a ajuda de um convertido, Manuel de Oliveira, fizeram traduções para o português. Contudo, entre os demais aspectos que nos surgem com significado,

⁴⁸ Idem, *Ibidem*, pp.5-6.

⁴⁹ J. Lopéz-Gay, “Encuentro con las Religiones no-cristianas del Oriente”, *Diccionario...*, vol. IV, pp. 2706.

ressaem as descrições e/ou os escritos sobre o Hinduísmo. Segundo a historiografia, parece que Alexandre Valignano, Visitador do Oriente, foi o primeiro jesuíta a fazer uma síntese do Hinduísmo: *História do Princípio e progresso da Companhia de Jesus nas Índias Orientais (1580-1583)*. Este fala-nos de algumas qualidades e costumes do índio oriental, religião, cerimónias, ritual sati.... Em 1594, Sebastião Gonçalves recebeu a tarefa de escrever uma história sobre a Província. Recolheu muita informação até 1606, mas parte dela perdeu-se e, mais tarde, Francisco de Souza, no seu *Oriente Conquistado*, tentou refazer os temas desaparecidos. Nesta história aborda questões como divindades hindus, transmigrações das almas e outras cerimónias hindus. Mais completo, porque analisou com maior profundidade os assuntos sobre o Hinduísmo, foi Giacomo Fenizio, no livro: *Livro da seita dos Índios Orientais*, escrita em Malabar, com introdução e notas. Nele estão incluídos trechos dos poemas épicos *Mahabharata* y *Ramayana*. Gonçalo Trancoso escreveu a obra mais importante sobre o Hinduísmo, antes do séc.XIX (Maduré, 1616), *Tratado sobre o Hinduísmo*, ed. anotada de José Wicki S.J., Lisboa, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1973⁵⁰). Diogo Gonçalves S.I., *História do Malabar*, ed. de Josef Wicki, Münster, 1955, faz uma análise sobre a história e costumes malabares: casamentos, ritos de passagem, festas, superstições, etc. Lembre-se que tais descrições/análises não significavam o respeito ou adopção pelas culturas locais, quase sempre tinham como finalidade a sua refutação e a valorização da cultura europeia e uma forma de missionação.

A narração feita a respeito das crenças, costumes, etc. sobre estas gentes que contactavam e a influência que exerciam sobre eles através da acção dos colégios, deve

⁵⁰ Para melhor esclarecimento e desenvolvimento da matéria, atendendo a que são muitas as fontes que chegaram até nós, aconselhamos as seguintes leituras: Georg Schurhammer, *op. cit.*, tomo III, pp. 591-627; Joseph Wicki, *Dicionário...*, vol. III, pp. 2708-2708. Os jesuítas manifestaram também interesse por outras religiões, aconselhamos as entradas no referido *Dicionário...*, pp. 2708-2711. Também na *Bibliothèque de la Compagnie de Jesus*, ed. Carlos Sommervogel S.J., (ordenado alfabeticamente), Tomo I, II e III, aparecem biografias de jesuítas que andaram pelo Oriente, tendo muitos deles deixado testemunhos escritos. A título de exemplo indicamos Manuel Barradas, Francisco Barreto, Francisco Garcia, Baltasar da Costa, Fernão de Queiroz, etc.

ser conjugada com as disputas que muitos missionários faziam, com membros de outras religiões – islamismo, hinduísmo, budismo, judaísmo. A Igreja de S. Paulo de Goa serviu de palco a estes encontros: “As doutrinas islâmicas, bramânicas e talmúdicas, expostas pelos mesmos textos originais, eram então sujeitas a rude crítica pelos missionários e interpretadas, em português, perante a assistência.”⁵¹ Em Goa, destacamos os nomes dos Padres Gonçalves da Silveira e Francisco Rodrigues, o Manquinho, e em Ormuz, o holandês, Gaspar Barzeo. A tradição foi aberta por Francisco Xavier, quando, por exemplo, em Goa visitou os templos hindus e tentou certificar-se dos pontos fundamentais da teologia bramânica, optando pela discussão. Segundo Domingos Maurício, Xavier “insistia mais em pontos de vista filosóficos que propriamente teológico-dogmáticos”⁵².

As cartas enviadas da Índia não nos dão muitos esclarecimentos sobre a matéria, mas mostram-nos interesse pelos segredos esotéricos do bramanismo, professado nas mais prestigiadas academias do Indústão. Conseguiu apurar o seu carácter originariamente monoteísta e a coincidência fundamental da ética bramânica com certas correntes da filosofia ocidental. Para Domingos Maurício, Xavier, “Antecipa-se notavelmente, à história da filosofia dos nossos dias, que confirma as influências indianas no pensamento filosófico da Grécia e seus derivados. A conversão de Brâmanes letrados, em parte, marca, evidentemente, a reacção do espírito hindu às influências convincentes das ideias filosóficas da cultura portuguesa”.⁵³

A Norte, em Goa, os missionários jesuítas discutiram as obras do brâmane Gità Veaco. Mas, na província do Sul o procedimento repetia-se. O Padre Henrique Henriques, no livro *Contra as fábulas dos gentios*, refutou a pretensa transmigração das

⁵¹ Domingos Maurício, *Filosofia Portuguesa no Ultramar*, pp. 183.

⁵² Idem, *Ibidem*, pp. 183. Algumas das perguntas feitas ao Santo: se a alma era imortal ou incorruptível como as formas dos outros viventes; por que parte saía, quando expirávamos, etc.

⁵³ Idem, *Ibidem*, pp.184.

almas, atacando muitas das superstições das castas inferiores e tradições em que eles se apoiavam. Para além de outros, queremos aqui destacar Roberto de Nobili, na missão do Maduré, um dos missionários que maior importância deu aos estudos filosóficos. Grande conhecedor do sânscrito, quis formar um colégio ou universidade de brâmanes, com um curso de Filosofia ocidental, mas tal não se concretizou, devido à falta de recursos e ao desconhecimento do sânscrito. O missionário compôs, em 1609, em tamil, um trabalho filosófico, *O Livro da Ciência da Alma*, muito apreciado pelos letrados hindus, onde contrapõe a ideia bramânica do espírito encerrado no corpo com o conceito da forma aristotélica, *principium vitae*.⁵⁴

Em relação às obras filosóficas que pudessem ter saído destes colégios, não temos conhecimento delas, e, quando consultamos a lista de obras impressas, também não há referência, dado a atenção ter sido dedicada ou à linguística ou à edificação religiosa. No entanto, sabemos que da Europa iam muitas obras e havia numerosas bibliotecas espalhadas nos colégios e casas jesuítas, destacamos as *Sumas* de S. Tomás, as obras de Pedro da Fonseca, o *Curso Conimbricense*, as obras de Platão, a *Ética* de Aristóteles, etc.⁵⁵

De seguida e para finalizar faremos uma pequena incursão pelo campo linguístico. Não sendo objecto deste estudo, quero, no entanto, rememorar esta componente jesuíta, a qual ganhou particular notoriedade na Índia. Como anteriormente escrevemos, uma das principais preocupações dos missionários que para aqui partiram foi a aprendizagem das línguas locais, tendo Francisco Xavier dado o exemplo. Segundo Francisco Rodrigues, para auxiliar o estudo abriram várias escolas de línguas

⁵⁴ Todas estas informações são tiradas do artigo de Domingos Maurício, *op. cit.*, pp. 185-186. O autor desenvolve estes e outros aspectos, dando uma síntese exaustiva das obras e temas abordados por estes missionários. Pois, torna-se difícil, em poucas páginas traçar um roteiro para a história da penetração da filosofia ocidental, através dos missionários europeus.

⁵⁵ Idem, *Ibidem*, pp.182-183.

para os missionários: Punicale, Salsete, Ambalacate e Vaipicota.⁵⁶ Os resultados havidos, sobretudo no Malabar, não teriam atingido a mesma dimensão se não houvesse o conhecimento das línguas locais.⁵⁷ Tal preocupação visava o conhecimento das línguas com a finalidade de atingirem os objectivos missionários e culturais que a Ordem se propunha, mas conseguiram, desta forma, refutar as suas doutrinas, isto é, não foi o apreço pelas culturas locais, mas antes a sua destruição que os moveu neste propósito.

Entre os muitos que se distinguiram neste campo do saber, destacamos: o Padre Henrique Henriques, conhecedor da língua Tamil, que escreveu e imprimiu a *Arte da Língua Tamulica e Vocabulário*, um *Catecismo* maior e outro menor, *Vidas de Jesus Cristo, Maria, etc.*; o Padre Gaspar de Aguilar, escreveu a *Arte de língua Tamulica*, da qual se fez depois um *Compendio.*; o Padre Antão de Proença compôs: *Vocabulário Tamulico-Português*. Na Língua Concani, distinguiram-se: o Padre Thomaz Estêvão, com Purâna, traduziu, ainda, em concani, a *Cartilha da Doutrina Cristã* do P. Ignácio Martins e compôs uma *Grammatica* da mesma língua; do Padre Diogo Ribeiro, entre outras obras, destacamos um Dicionário Concani-Português: *Vocabulário da língua Canarina, feito pelos Padres da Companhia de Jesus, que residem na Christandade de Salcete e novamente acrescentado com vários modos de fallar pelo P. Diogo Ribeiro*; outros quiseram penetrar na literatura dos brâmanes e estudaram o *Sânscrito*. Indicamos entre outros mestres os Padres Roberto de Nobili e Antão de Proença.⁵⁸

⁵⁶ Francisco Rodrigues, *A Formação Intelectual do Jesuíta*, Porto, Liv. Magalhães & Moniz Editores. 1917, pp.341-343.

⁵⁷ Pe António Lourenço Farinha, *Vultos Missionários da Índia Quinhentista*, Ed. Missões Cucujães, 1955, pp. 97.

⁵⁸ Fizemos, apenas, um brevíssimo resumo sobre a matéria, pois é uma temática que não pode ser esquecida e, foram muitos aqueles que se distinguiram nestas regiões, já que outros houve que enveredaram, essencialmente, por outros ramos do saber, como foi o caso da China, mas todos eles tiveram um objectivo: a missão.

Aconselhamos as seguintes leituras: Francisco Rodrigues, *A Formação Intelectual do Jesuíta*, pp. 143-358; Leonor Buesco, *A Galáxia da Língua Malabar em Português*, Lisboa, Ed.Comissão Nacional Para

Podemos, pois, afirmar que a acção cultural e missionária dos jesuítas na Índia foi decisiva para a implantação e enraizamento da cultura e demais valores dos portugueses no Oriente dos séc. XVI-XVIII.

as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 1992; David Lopes, *A Expansão da Língua Portuguesa no Oriente nos séculos XVI, XVII e XVIII*, Barcelos, Portucalense Editora, 1936.

A escrita e uso dos catecismos são também um outro aspecto de grande relevância na actividade jesuíta, sobre o assunto foi feito o seguinte estudo: Cândida Barros, *Notas sobre os catecismos em línguas vernáculas das colónias portuguesas (séc. XVI - XVII)*, Revista Iberoromania, n ° 57, Max Niemeyer Verlag Tubingen, 2003.